

O leitor e os relatos científicos de viagens: considerações acerca das leituras realizadas por Auguste de Saint Hilaire para a composição da obra *História das plantas mais notáveis do Brasil e Paraguai-1824*

Daniela Casoni Moscato

Doutoranda-Universidade Federal do Paraná

“Um viajante”. É com essa representação ou afirmação, que muitos pesquisadores e principalmente leitores despreziosos entendem o botânico¹ Auguste François Cezar de Saint-Hilaire. Grande parte dos estudos históricos que utilizaram seus relatos e diários de viagem, usam exclusivamente suas descrições da paisagem brasileira, clima e do gentio local. Frequentemente, consagram ou criticam suas descrições paisagísticas – com a dos Campos Gerais no Paraná – e avaliam opiniões acerca de muitos temas que aparecem na sua escrita.

De fato, é grande sua obra dedicada aos lugares que passou e separá-lo dessa imagem não é o objetivo deste texto. O que propomos aqui é pensá-lo além do naturalista peregrino nos trópicos.

Em 1824 Saint-Hilaire lançou em Paris o livro *Histoire des Plantes les plus remarquables du Brésil et Du Paraguay*² objetivando reunir vários textos publicados separadamente em diversas revistas. Mas, engana-se quem pensa que a obra traz somente as descrições do viajante a partir de suas experiências de observador, colecionador e cientista. *História das plantas* comprova que Saint-Hilaire leu muito para sua escrita, nos deixou pistas de tais leituras no corpo textual e notas de rodapé.

1 Na pesquisa para este texto identificamos que Saint-Hilaire é chamado de botânico, biólogo, naturalistas, cientista, aventureiro, viajante, entre outros. Aqui, usaremos todas essas classificações. Primeiramente, porque no início do XIX a história natural – estudo atribuído a Saint-Hilaire por alguns biógrafos – permitia outro universo dos estudos científicos e o naturalista viajante representava quase todas essas nomenclaturas. Em segundo, e não menos importante, a utilização de um ou outro é uma questão de estilo que permite fugir de uma chata repetição.

2 SAINT-HILAIRE, A. de. **História das plantas mais notáveis do Brasil e Paraguai**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. Utilizamos para este texto a versão em português publicada em 2011. No Brasil, a primeira edição da obra está disponível no Real Gabinete Português de leitura.

Antes de qualquer coisa, precisamos esclarecer acerca do documento em questão e de seu “narrador”. Importante pontuar que esse escrito não foi um diário – organizado pelas experiências cotidianas – mas um relato redigido posteriormente.

Em relação ao nosso autor, este foi um viajante naturalista, e de tal forma, combinou duas características próximas e díspares. Esses elementos são identificados na própria organização da obra, dividida em partes bastante distintas. O viajante, sua ação de narrar, fixar tipos e quadros locais é reconhecida na *Introdução* onde o botânico escreve sobre os costumes da população visitada, fauna e flora da região percorrida – do norte de Minas Gerais a província das Missões, entre o Rio Grande do Sul e o Paraguai.

Outra parte subdividiu em textos exclusivamente científicos, acompanhados de ilustrações detalhadas das plantas bem como suas nomenclaturas. Nessa, o naturalista classifica, ordena e organiza; e debates mais específicos se apresentam em capítulos como *Quadro monográfico. Das Plantas da Flora do Brasil meridional, pertencentes ao grupo (classe Br.) que compreendem as Droseráceas, as Violáceas, as Cistáceas e as Franqueniáceas.*

Mas, Saint-Hilaire não foi uma dualidade. O que queremos esclarecer é que esse viajante naturalista, como outros, tinha como obrigação seguir normas das academias de ciências. Nosso botânico só participou da viagem ao Brasil, financiada pelo Estado Francês, porque teve respaldo dos naturalistas do Museu de história natural de Paris:

Respaldo pelo parecer dos naturalistas da instituição, o ministro permite que parta na qualidade de viajante naturalista enviado pelo governo e concede a ele, inicialmente, a soma de três mil francos por ano, aumentada logo em seguida para seis mil. O botânico, por sua vez, deveria buscar instruções junto aos professores do Museu e enviar para lá toda correspondência científica e objetos de história natural que coletasse.³

A passagem acima nos indica a adoção de normas de tal instituição. Por outro lado, isso não o impossibilitou de desenvolver formas distintas de sua escrita científica. Na realidade, no início do século XIX a separação entre ciência teórica e ciência aplicada era inexistente “Saint-Hilaire, por exemplo, era ao mesmo tempo um homem ligado aos aspectos filosóficos da história natural e aos aspectos práticos de sua especialidade. Para ele, esses dois lados da ciência se complementam.”⁴

3 KURY, Lorelay. Auguste de Saint-Hilaire: viajante exemplar. **Revista Intellèctus**, São Paulo, ano 2, n. 01. Revista Eletrônica. São Paulo, 2003. p. 04

4 KURY, 2003, p. 01

Isso dito, escolhemos para esta pequena análise, utilizar somente a parte inicial de *História das Plantas* percebida enquanto um relato geral de viagem “nestas vastas regiões, e apresentar um rápido quadro de sua vegetação”.⁵ Nesse momento, o autor citou e discutiu sem a obrigatoriedade dos aspectos práticos (classificação e ordenação) das investigações científicas.

Como as escritas sobre as viagens – literatura, diário, relatos, relatórios - eram diferentes os interesses que moveram esses homens nos findos XVIII e no XIX.

A viagem, nos dois casos, é ocasião para o aprendizado. Um aprendizado via experiência, via contato direto com as coisas do mundo. Isso posto, há, no entanto, diferenças decisivas. [...] Nos relatos de expedições com fins científicos, o narrador já parece iniciar o trajeto formado, com sólidos conhecimentos de ciências naturais que apenas testa e amplia diante de novos espécimes e terras desconhecidas.⁶

Süssekind, mesmo ao distinguir viajantes e viagens, reafirma uma característica cara a esses indivíduos e aos estudos dedicados a eles: o viajante é aquele que “vê” e tem seu aprendizado por meio da experiência. Certamente, Saint-Hilaire percorreu os territórios apresentados na obra aqui utilizada e os observou. Entretanto, a primeira pergunta que nos fazemos é: suas descrições de viagens eram pautadas somente no “estar lá”?

No *Prólogo* da obra o naturalista reafirma o trabalho de observação e coleta: “Todas as espécies que relatei foram analisadas nos locais; recolhi todas as informações que pudessem despertar algum interesse sobre sua história, e entreguei-me, sobretudo, ao estudo das relações, o que eleva a botânica ao nível das ciências mais filosóficas”.⁷

Reiterar a experiência de viagem e criticar o chamado “viajante de gabinete”, não é exclusivo de nosso aventureiro. Foi, na realidade, argumento usual entre os viajantes do XIX.

Tratando dos viajantes estrangeiros, Ana Maria Mauad procurou mostrar como a experiência por eles vivenciada – ver, tocar, provar – era exaltada e, de certa forma, legitimava o relato de viagem:

5 SAINT-HILAIRE, 2011, p. 21

6 SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador e a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 110.

7 SAINT-HILAIRE, 2011, p. 19

Para o viajante, a impressão causada pelo olhar é a que fica, fornecendo o estatuto de verdade ao relato. O fato de ele ter estado presente, de ter sido a testemunha ocular de um evento, ou de um hábito cotidiano qualquer, garante à sua narrativa um teor incontestável.⁸

Essa valorização da presença é igualmente percebida nas descrições do *Pluto Brasiliensis* de Wilhelm Ludwig von Eschwege:

Minas Gerais é, sem dúvida, a província brasileira mais interessante e instrutiva sob o ponto de vista geológico e mineralógico, especialmente nas regiões de Vila Rica e Sabará e em toda a zona cortada pela estrada que se dirige para o distrito diamantífero do Serro do Frio. O viajante que percorre essas regiões e dispõe de algum tempo para pesquisá-las, não só fica conhecendo todas as rochas que ocorrem na província e a sequência de suas camadas, mas ainda tem oportunidade de observar os métodos de exploração do ouro usualmente adotados no Brasil.⁹

A citação acima é questionável. Valorizar o percurso da viagem não excluía a busca de informações em outras descrições. Ao observarmos criteriosamente esses relatos, exemplificado aqui por parte de *História das Plantas*, alguns argumentos e recursos tornavam as narrativas de viagem “confiáveis” como citar e discutir contemporâneos e outros. Utilizaremos como exemplo um trecho do documento em estudo: “Era nos meses de agosto e setembro que eu percorria os desertos do Rio São Francisco; não tinha, pois, nada a temer quanto às doenças; no entanto esta viagem foi uma das mais penosas das que fiz no Brasil, e a excessiva seca tornou-a uma das menores proveitosas para a história natural.”¹⁰ Logo após essa descrição da peregrinação por desertos e doenças tem-se uma longa nota de rodapé:

Entre os pássaros que trouxe do Rio São Francisco, não posso deixar de citar o encantador chamado sofrê (soffrer. Casal. Cor. Brás., vol. I, p.91). De toda a província das Minas, esse pássaro que pertence às terras descobertas, só se encontra no sertão (deserto) começando mais ou menos na altura de Paracatu; mas dali ele se estende pelo interior até a Bahia, e talvez mais, do lado norte. Ele voa em pequenos bandos, alimenta-se de insetos, e, apesar do que diz Casal, ele tem um canto muito agradável.(...) O Sr. Valenciennes, naturalista do Museu, que classificou os animais vertebrados que eu depusitei nesse estabelecimento, e que reúne a pontos de vista filosóficos um profundo conhecimento das espécies; o Sr. Valenciennes, dizia, caracteriza o sofrê da seguinte maneira: “Oriolus aurantius:corpore aurantio, capite, jugulo, alis, cauda et dorsis medium versus fascia, nigerrimis, macula alarum alba. - Guira Tangeima Marcg. 192 (...)”. Observei que, admitindo o guira tangeima, Marcg., como sinônimo do Oriolus aurantius, é preciso supor que a palavra uranicus foi escrita, por falha de impressão, em vez de aurantius, e declarar, ao mesmo tempo, que a expressão clamare, empregada por Marcgraff, convém pouco para expressar o canto do sofrê.¹¹

8 MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, Fernando (Dir.) **História da vida privada no Brasil 2: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.184

9 ESCHWEGE, W. L. von. **Pluto Brasiliensis ; memórias sobre as riquezas do Brasil em ouro, diamantes e outros minerais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Vol. 2. p. 07

10 SAINT-HILAIRE, 2011, p. 33.

11 SAINT-HILAIRE, 2011, p. 33.

Nesse momento, o aventureiro, demonstrou ser um ávido leitor. Apenas nessa citação destaca três autores- Manuel Aires de Casal, Achille Valenciennes e George Marcgraf - e debate as pesquisas realizadas por eles.

Tais pontuações apenas comprovam que o botânico nos deixou pistas de suas leituras no corpo textual como também nos chamados paratextos¹², como as notas de rodapé. Em *Introdução de História das Plantas* observamos vinte e nove referências à autores ou livros. Dessas, vinte e quatro estão em notas de rodapé.

O uso moderno das notas de rodapé identifica-se com o surgimento da erudição – em especial na prática da escrita da história – do século XVIII, criando, inicialmente “o equivalente da civilização industrializada para a antiga evocação da Musa: uma longa nota na qual o autor agradece a professores, amigos e colegas [evocando] uma confraria da República das Letras – ou, ao menos, um grupo acadêmico de apoio – reivindicada pelo escritor”.¹³ No XIX, observou-se que as notas de rodapé foram igualmente usadas para “mostrar que a obra que sustentam reivindica autoridade e solidez (...)”.¹⁴

As notas de rodapé nessa e outras obras – relatos de viagens científicas ou não - tem sido importante elemento de reconstituição de práticas de leitura no passado, especialmente ao considerarmos a já longamente discutida dificuldade de recuperarmos os “como” e “por que” da leitura.¹⁵ Tal elemento colabora para análises comuns a história da palavra impressa – também chamada “história do livro” ou “história da leitura”, ao longo das últimas décadas – que possibilita perceber elementos do texto que, tradicionalmente não compunham a “essência” da obra colocada à leitura.

Os elementos identificados nas notas de rodapé da obra em questão nos permite colocar para nosso viajante leitor perguntas caras às pesquisas dedicadas a leitura no mundo ocidental: quais autores ou obras Auguste de Saint-Hilaire menciona? De que forma suas leituras transparecem no seu texto?

12 Entendidos como textos adicionais a obra: notas de rodapé, prefácios, posfácios, cartas ao leitor, pós-escritos, etc.

13 GRAFTON, Anthony. **As origens trágicas da erudição**; pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas: Papirus, 1998. p. 18.

14 Grafton, 1998, p. 36.

15 DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter, org. **A escrita da história**, novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992, p. 199-236.

Utilizando o relato de viagem, realizamos uma busca de todos os autores ou livros mencionados. No caso de *História das Plantas*, como já apontamos poucas leituras estão no corpo textual e a atenção dada a nota de rodapé - leituras e debates que nela se apresentam - foi determinante na análise da fonte. Posteriormente, organizamos essas leituras, pesquisando nome completo do autor, nacionalidade, área de conhecimento e, na medida do possível, obra citada. Isso permitiu compor um quadro de leituras.

Durante o texto, nosso naturalista faz referência a vinte autores e uma obra de autoria coletiva registrada como *Mémoires du Muséum Vol. IX*. Saint-Hilaire, como outros naturalistas, não utilizava uma norma comum de citação. Encontramos durante o texto um mesmo autor ou obra citado de diferentes formas. Como o caso do português Manuel Aires de Casal que aparece no texto ora Casal ora Cor. Brás. - abreviação da sua obra *Corografia Brasílica*.

Feita as possíveis verificações e alimentação do quadro de leituras percebemos que maioria dos escritos mencionados apontam para um perfil de textos científicos lidos. Entre os autores citados temos mineralogistas, geógrafos, médicos, naturalistas, etnólogos, botânicos, farmacêuticos, zoologistas, ornitólogos, engenheiros, matemáticos, etc. Desses, apenas três fogem desse padrão: Chateaubriand, Montesquieu e Raynal.

Para melhor compreender o quadro de leituras, realizou-se uma pequena pesquisa biográfica dos autores citados pelo nosso leitor viajante. Dos vinte autores, dois viveram até a década de 70 do XVII, seis foram homens setecentistas e os nove restantes contemporâneos de Saint-Hilaire.

Os dados acima e, essencialmente, o período de vida do viajante em estudo (1779-1853) comprovam a circulação dos resultados das pesquisas científicas. Sabemos que tal movimentação do conhecimento científico é moderna mas, é correto afirmar, que ela se acentuou no “século da Ciência”:

A ideia da circulação do conhecimento é um dos pressupostos da ciência moderna. Desde os séculos XVII e XVIII, em linhas gerais, deseja-se um conhecimento que seja aberto. Isto é, forja-se um modelo de conhecimento que se pretende comunicar com o mundo, que circula pelo mundo. Não se trata mais de uma produção fechada, enclausurada nas bibliotecas dos mosteiros ou nos laboratórios dos alquimistas.¹⁶

16 FIGUEIREDO, B.G.; SOUZA, G. de. Os dilemas da História social das ciências no Brasil: as artes de curar no início do século XIX. In: KURY, L.; GESTEIRA, H. (orgs.) **Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 47.

A ideia de circulação do conhecimento - recriada no XIX em parte pelas inovações científicas – se conectou com a escrita e a leitura. As impressões de monografias, manuais, relatórios, diários e relatos de viagem comprovam que os resultados científicos circundavam entre Academias de Ciências, Museus, Jardins Botânicos do mundo Ocidental. A leitura, nessa relação, foi um facilitador no trânsito do conhecimento. Voltemos aos vinte autores referenciados em *História das Plantas*. Esses eram originários de sete Estados diferentes da Europa e um da atual Argentina. Todos, pela escrita, propagaram suas pesquisas e foram, de certa maneira, lidos e apropriados por Saint-Hilaire.

Apropriação de leituras é um termo muito usado nos estudos dedicados a essa prática humana. Em relação a apropriação, Roger Chartier pontua a necessidade de perceber outros significados de um mesmo texto. Para o autor, a apropriação deve ser compreendida em termos mais sociológicos do que fenomenológicos e a noção de apropriação cultural torna possível avaliar as diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção.¹⁷

Neste pequeno texto, não foi possível compreender como se deram as possíveis apropriações de leitura por Saint-Hilaire. Essa tarefa demanda mais tempo e leitura das obras citadas. Mas, conseguimos até agora pensar na formação de uma rede de trocas de conhecimentos como também na construção de uma “comunidade de leitores”.

A esse respeito é significativo outro conceito caro a Chartier denominado “comunidade de leitores”. Primeiramente, o estudo de uma relação texto/leitor, deve considerar essencialmente o receptor ou leitor: “e há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis (...). Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação.”¹⁸ Em segundo lugar, permitiria identificar “as redes de práticas e as regras de leituras próprias às diversas comunidades de leitores (espirituais, intelectuais, profissionais, etc.) [que compõem] uma primeira tarefa para se chegar a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador.”¹⁹

Aqui nos limitamos em encontrar pistas, na obra já referida, que apontem para a

17 CHARTIER, R. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 232-233.

18 CHARTIER, R. 1999. p. 13.

19 CHARTIER, 1999, p. 14

formação de uma rede de conhecimentos como a uma comunidade de leitores de textos científicos. Esse perfil de textos citados e lidos não é uma surpresa, uma vez que o viajante naturalista do período era formado em alguma área de conhecimento e, geralmente, vinculado a uma Academia de Ciência ou Museu. Sabemos que Saint-Hilaire tinha todas essas características. Mas, para perceber tal rede como o estabelecimento de uma comunidade de leitores outra pergunta se faz necessária: era ele também era lido por seu contemporâneos? A informação de Lorelay Kury responde, em parte, nossa questão:

O Museu de história natural de Paris seguia de perto as viagens em curso. Os relatórios e notícias sobre os objetos recebidos ocupavam uma parte importante do tempo das assembléias dos professores. *A Instruction pour les voyageurs*, publicada diversas vezes pela instituição a partir de 1818, organizada provavelmente por André Thouin, informa sobre os viajantes em missão e é atualizada a cada edição. Nessa publicação a referência quanto à viagem de Saint-Hilaire ao Brasil, em 1818, é otimista: ele enviará para o Museu “uma multidão de objetos novos” (...) A viagem de Saint-Hilaire também foi objeto de comentário na Academia de Ciências de Paris. O ilustre Antoine-Laurent de Jussieu foi o relator, que tratou dos resultados da expedição como a realização precisa e competente de um trabalho científico.²⁰

Redes de sociabilidade científica, comunidades de leitores e o levantamento das leituras citadas por Saint-Hilaire contestam a ideia de que os relatos de viagem do período baseavam-se somente na experiência do “estar lá” e do “olhar” desse e de outros tantos indivíduos que percorreram as primeiras décadas do Brasil Império.

Dessa forma, alguns instrumentos da História da leitura – conceitos e uso de paratextos - nos permitem evidenciar algumas leituras desse tão citado viajante e levantar hipóteses: a existência de uma ampla rede de conhecimento, formação de uma comunidade de leitores/autores e a leitura como “treino” do olhar do viajante.

Certamente, existem outras suposições como a da apropriação da leitura: como Saint-Hilaire leu esses autores? Porém, essa questão enseja outro tipo de discussão e outras fontes que não somente *História das Plantas*. Mas, esses pequenos apontamentos, nos esclarece que o relato aqui mencionado não foi somente construído pelas descrições dos lugares visitados e a viagem relatada não foi unicamente de seu viajante.

20 KURY, 2003, p. 4 e 5. Também acreditamos que nosso leitor foi citado em diários e relatos de seus contemporâneos mas, o tempo ainda não permitiu a confirmação dessa hipótese.

Fontes:

ESCHWEGE, W. L. von. **Pluto Brasiliensis ; memórias sobre as riquezas do Brasil em ouro, diamantes e outros minerais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Vol. 2.

SAINT-HILAIRE, A. de. **História das plantas mais notáveis do Brasil e Paraguai**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

Bibliografia:

CHARTIER, R. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, Peter, org. **A escrita da história, novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

FIGUEIREDO, B.G.; SOUZA, G. de. Os dilemas da História social das ciências no Brasil: as artes de curar no início do século XIX. In: KURY, L.; GESTEIRA, H. (orgs.) **Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

GRAFTON, A. **As origens trágicas da erudição**; pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas: Papirus, 1998.

KURY, L. Auguste de Saint-Hilaire: viajante exemplar. **Revista Intellèctus**, São Paulo, ano 2, n. 01. Revista Eletrônica. São Paulo, 2003.

MAUAD, A. M. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, Fernando (Dir.) **História da vida privada no Brasil 2: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui: o narrador e a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.